



DESCONSTRUINDO O INDIVIDUALISMO HIPERMODERNO: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DA TEORIA DE GILLES LIPOVETSKY

Rute Feliciano Macave*

Rosa Alfredo Mechiço*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13225>

Resumo: Este artigo examina criticamente a teoria de Gilles Lipovetsky sobre o indivíduo hipermoderno, abordando diversas facetas do individualismo contemporâneo. Analisa a noção de individualismo, o dualismo no individualismo hipermoderno e suas tendências contraditórias, o individualismo selvagem e seu vínculo com o narcisismo. Discute o conceito de hiperindividualismo e a "indiferença pura" característica do indivíduo hipermoderno. Explora o impacto da mídia, a aniquilação da sociabilidade e dos valores morais pelo individualismo exacerbado e a necessidade de uma educação que contraponha a permissividade. O artigo oferece uma perspectiva crítica sobre as implicações sociais e culturais dessa forma extrema de individualismo.

Palavras-chave: Desconstrução, Individualismo, Hipermoderno, Crítica, Lipovetsky.

DECONSTRUCTING HYPERMODERN INDIVIDUALISM: A CRITICAL APPROACH TO GILLES LIPOVETSKY'S THEORY

Abstract: This article critically examines Gilles Lipovetsky's theory of the hypermodern individual, addressing various facets of contemporary individualism. It analyzes the notion of individualism, the dualism within hypermodern individualism and its contradictory tendencies, wild individualism and its link to narcissism. The concept of hyperindividualism and the "pure indifference" characteristic of the hypermodern individual are discussed. The article explores the impact of media, the annihilation of sociability and moral values by exacerbated individualism, and the need for education to counter permissiveness. It provides a critical perspective on the social and cultural implications of this extreme form of individualism.

Keywords: Deconstruction, Individualism, Hypermodern, Critique, Lipovetsky.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane. Graduada em Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Maputo. Na Universidade Pedagógica de Maputo leciona as disciplinas de Ética Ambiental e Ética Política. E-mail: rutemacave2@gmail.com. Orcid: 0009-0003-2884-7983.

* Doutora em Filosofia pela Universidade Pedagógica de Maputo. Mestre e Graduada em Educação/Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Maputo. Graduada em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior Maria Mãe de África. Bacharel em Ciências de Educação pela Universidade Católica de Moçambique. Na Universidade Pedagógica de Maputo leciona as disciplinas de Filosofia da Educação e Didática de Filosofia I, II, III e IV. E-mail: professorarosamechico@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7755-5694.



Notas Introdutórias

O fenómeno do individualismo tem sido objecto de estudo e debate ao longo dos séculos, reflectindo as mudanças culturais, sociais e económicas da sociedade. Na contemporaneidade, o filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky cunhou o termo "hipermodernidade" para descrever a era actual, marcada por um individualismo exacerbado e um narcisismo crescente. A teoria de Lipovetsky propõe que se vive uma fase onde o individualismo atingiu novos patamares, impactando significativamente a maneira como os indivíduos se relacionam consigo mesmos e com a sociedade.

Este artigo pretende desconstruir a figura do indivíduo hipermoderno através de uma análise crítica das ideias de Lipovetsky. A abordagem se concentra em várias temáticas, incluindo a noção de individualismo, o dualismo no individualismo hipermoderno com suas tendências contraditórias, e o conceito de individualismo selvagem. Além disso, discute-se a relação entre individualismo e narcisismo, assim como a emergência do hiperindividualismo. A "indiferença pura" do indivíduo hipermoderno é examinada, destacando a apatia e a desintegração de laços sociais tradicionais.

A análise também abarca o papel da mídia na formação e perpetuação do indivíduo hipermoderno, questiona se o individualismo hipermoderno leva à aniquilação da sociabilidade e dos valores morais e, por fim, sugere acções nas quais a educação pode ser uma ferramenta crucial e eficaz para combater a permissividade exacerbada. Efectivamente, esta investigação pretende oferecer uma compreensão profunda das consequências sociais e culturais do hiperindividualismo, sugerindo caminhos para mitigar seus efeitos negativos.

Para compreender a teoria de Lipovetsky, é essencial contextualizá-la no cenário da pós-modernidade. A transição da modernidade para a hipermodernidade é marcada por mudanças tecnológicas e culturais que amplificaram o papel do indivíduo. A globalização, a digitalização e a crescente complexidade das estruturas sociais contribuíram para um ambiente onde o indivíduo é tanto um produto quanto um agente dessas transformações. Lipovetsky argumenta que o individualismo na



hipermodernidade é distinto do individualismo clássico da modernidade. Enquanto a modernidade enfatizava a racionalidade e o progresso coletivo, a hipermodernidade coloca o foco no hedonismo, no consumo e na autorrealização imediata.

Outra característica marcante da hipermodernidade é a aceleração do tempo. O ritmo acelerado da vida moderna pressiona os indivíduos a buscar satisfação instantânea e resultados rápidos, exacerbando o individualismo. Este contexto favorece a emergência de comportamentos narcisistas, onde o "eu" se torna o centro das atenções e a busca por reconhecimento e validação externa se intensifica. A sociedade de consumo desempenha um papel fundamental nesse processo, promovendo constantemente novos desejos e necessidades que reforçam a centralidade do indivíduo.

A teoria de Lipovetsky também destaca a "indiferença pura" que caracteriza o indivíduo hipermoderno. Este conceito descreve uma apatia generalizada, onde o envolvimento emocional com o mundo externo é mínimo. A tecnologia e a mídia digital contribuem para essa indiferença, oferecendo distrações constantes que mantêm os indivíduos ocupados com entretenimento superficial e fugas temporárias da realidade. O resultado é uma diminuição da capacidade de empatia e da disposição para se engajar em questões sociais e políticas.

Neste cenário, a mídia tem um papel ambíguo. Por um lado, ela amplifica as características do individualismo hipermoderno, promovendo ideais de sucesso pessoal e felicidade individual. Por outro lado, a mídia também tem o potencial de conscientizar e mobilizar os indivíduos para causas coletivas. A forma como a mídia é utilizada pode, portanto, tanto reforçar quanto desafiar o hiperindividualismo.

A educação é apontada por Lipovetsky como uma possível solução para os excessos do individualismo hipermoderno. Uma abordagem educativa que promova valores como empatia, solidariedade e pensamento crítico pode contrapor a tendência à permissividade e ao narcisismo. A educação pode ser uma ferramenta poderosa para reconstruir laços sociais e valores éticos, incentivando uma maior responsabilidade coletiva e um equilíbrio entre autonomia individual e coesão social.

Desta forma, o artigo busca não apenas analisar criticamente a teoria de Lipovetsky, mas também propor caminhos para uma sociedade mais equilibrada e



consciente. A compreensão profunda das nuances do individualismo hipermoderno é essencial para enfrentar os desafios que ele impõe e para encontrar soluções que promovam um futuro mais harmonioso e sustentável. A proposta é que, ao desvelar as camadas complexas do individualismo na era hipermoderna, se possa identificar estratégias para reforçar a solidariedade e a coesão social, fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Noção de Individualismo

Individualismo é uma atitude que privilegia o indivíduo em relação à coletividade (RUSS, 2011, p. 14). O individualismo é, ainda, uma variedade modesta e inconsciente da vontade de poder, por meio da qual o indivíduo se contenta em se libertar da dominação da sociedade, do Estado e da Igreja (NIETZSCHE, 1968 p. 411).

O individualismo contemporâneo descrito por Lipovetsky, em sua obra *a Era do vazio*, não designa mais o triunfo da individualidade face as regras constrangedoras, mas a realização de indivíduos estranhos à disciplina (comedimento, limitação), às regras, aos constrangimentos diversos, às uniformizações. Nesta perspectiva de individualismo encontramos delícias do narcisismo, bem mais que o acesso a uma autonomia, a explosão hedonista, mais que a conquista da liberdade (LIPOVETSKY, 1983, p. 25). Desde este ponto de vista se revela manifesto que no seio de uma modernidade que repele o transcendente e as teleologias é o indivíduo que se torna valor supremo.

Com efeito, o individualismo é inconcebível fora dos referentes democráticos, só é pensável no quadro de uma sociedade que se investe em profundidade nos valores de liberdade e de igualdade, onde o valor primordial é precisamente o indivíduo (LIPOVETSKY, 1987, p. 307). É, aqui, oportuno ressaltar que o individualismo não é o que abole as formas de participação nos combates coletivos, mas sim é o que transforma o seu teor. Por aqui, se pode depreender que é simplista reduzir o individualismo ao egocentrismo, à bolha narcísica e à exclusiva busca dos gozos privados (LIPOVETSKY, 1987, p. 305).

Conforme se constata, Lipovetsky não faz uma leitura do individualismo no sentido moral, que seria um indivíduo individualista que só se preocupa com ele próprio



– egoísta, mas sim, no sentido antro-po-histórico. Por conseguinte, para Lipovetsky o individualismo é uma nova configuração de valores modernos que coloca a soberania do indivíduo em relação a si mesmo e em relação às leis. O individualismo significa o princípio segundo o qual cada um é reconhecido como livre e semelhante aos outros. No entanto, sendo livre e semelhante aos outros, ele deve organizar sua vida, conduzir a vida em sociedade, ou seja, dotar-se de leis por meio do voto, do sufrágio universal. Logo, neste enfoque o individualismo não significa egoísmo, significa preferência e liberdade.

Note-se que o conceito individualismo também mereceu a atenção de Alexis de Tocqueville sobretudo em sua obra *A democracia na América* (1840). Tocqueville nesta obra admite que o individualismo é um traço característico da sociedade que surgiu após a Revolução de 1789. Na concepção de Tocqueville uma atitude individualista não é necessariamente egoísta, pois alguém que se encaixe na classificação de individualista pode se revelar dedicado à família e aos amigos. Porém, ao privilegiar exclusivamente seus interesses privados e seu círculo de convívio, isolando-se, deste modo, da colectividade e renunciando a sua actuação no espaço público, comete um erro como cidadão. Destas considerações resulta manifesto que para Alexis de Tocqueville o egoísmo é um defeito de carácter do indivíduo enquanto que o individualismo é um defeito de carácter do cidadão.

No seguimento do que se acabou de referir se pode afirmar que para Alexis de Tocqueville, individualismo é uma expressão nascida a partir de uma ideia, um sentimento deliberado e pacífico que dispõe cada cidadão a se isolar de seus companheiros e a se afastar com sua família e amigos, abandonando a sociedade mais ampla (TOCQUEVILLE, 1999, p. 97). Sem embargo, tal procedimento leva, por um lado, a assolapar as virtudes da vida pública do indivíduo e, por outro lado, conduz ao ataque e à destruição de todas as outras virtudes, eventualmente levando-o a ser absorvido pelo puro egoísmo. Tocqueville compara o individualismo a uma enfermidade que infecta e corrói o espírito público. Ademais, salienta que se a postura individualista atinge só a fonte das virtudes cívicas referentes às práticas de boa conduta que devem ser exigidas a todos os cidadãos, com o decorrer do tempo, ela acaba por se confundir com o egoísmo, que destrói a fonte de todas as virtudes políticas e morais.



De qualquer modo, assume-se, que em várias definições psicológicas, o termo individualismo equivale ao egoísmo, indicando uma total independência interna do indivíduo em relação às outras pessoas ou às instituições (TOCQUEVILLE, 1999, p. 97). Importa aqui sublinhar que na civilização antiga o individualismo não era essencialmente um termo psicológico era, sim, fundamentalmente uma especificação social.

É necessário, no entanto, reconhecer que o termo individualismo abrange imensas e distintas ideias, doutrinas e atitudes cujo factor comum é a atribuição de centralidade ao indivíduo. Ainda assim, vale a pena considerar que em alguns casos, individualismo significa dissolução dos laços sociais e abandono, por parte dos indivíduos, de suas obrigações e de seus compromissos sociais. Resta salientar que algumas correntes de pensamento e/ou teorias atribuem ao individualismo um sentido desagradável e hostil, na medida em que coloca o indivíduo em oposição implícita à solidariedade humana (trata-se do individualismo concebido em um ângulo estritamente colectivista ou grupal dos fenómenos sociais). Desta feita, neste contexto, em particular, se pode asseverar que o individualismo é a experiência fundamental de “estar fora do mundo” e livre das obrigações sociais imperativas e rotineiras.

Dualismo no Individualismo Hipermoderno: Duas Tendências Contraditórias

Antes de mais, é preciso deixar assente que quanto mais as condutas responsáveis progridem, paradoxalmente, mais aumenta a irresponsabilidade. Os indivíduos hipermodernos são mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais cépticos e menos profundos (LIPOVETSKY & CHARLES, 2011, pp. 29-30). A desagregação do mundo da tradição já não é vivida sob o regime da emancipação, mas sob o de crispação. É o medo que prevalece e que domina em face de um futuro incerto, uma lógica da mundialização que se exerce independentemente dos indivíduos, uma competição liberal exacerbada, um desenvolvimento desenfreado das tecnologias de informação.



Por um lado, existe o individualismo responsável associado às regras morais, à preocupação ética, à justiça, ao futuro (LIPOVETSKY, 2005, p. xxxii) mas, por outro lado, existe um declive, inegavelmente perigoso, que leva ao individualismo de “cada um por si”, ao culto do sucesso pessoal por qualquer meio e à delinquência. Todos esses fenômenos se vinculam ao que Lipovetsky chama “individualismo irresponsável”, equivalente ao niilismo, ao “primeiro eu”, ao “depois de mim, ao dilúvio” (LIPOVETSKY, 2004, p. 39). Este individualismo exacerbado, sem preocupação com o próximo, sem respeito à lei e aos valores morais está em oposição ao individualismo responsável, autolimitado e respeitador do direito alheio (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 136).

Ora, a realidade coloca em evidência que é chegada a hora de se combater, em várias dimensões e frentes, o individualismo irresponsável. Efectivamente, desde já é preciso estabelecer um combate acirrado contra todo tipo de conduta desvinculado dos princípios ético-morais e da justiça, porquanto essa conduta é o fundamento do comportamento cujas acções agridem violentamente a consciência humana. Na actualidade, por exemplo, assiste-se à constante violação dos direitos humanos, onde o indivíduo não hesita em ceifar a vida do outro ser humano e de seguida permanecer com a consciência tranquila e, conseqüentemente, por sua vez, a justiça não consegue fornecer uma resposta adequada. É necessário, pois, que o indivíduo irresponsável seja reeducado e consciencializado de modo a se guiar principalmente pelo princípio de responsabilidade e de alteridade. O indivíduo deve deixar de pensar exclusivamente em seu próprio bem-estar e começar a perceber o outro como um ser igual e digno das mesmas honras que muitas vezes reserva apenas para si mesmo. Urge a necessidade de todos os seres humanos pautarem por uma conduta que não fere os princípios fundamentais de convivência pacífica dentro da sociedade.

É, decerto, natural a tendência que existe de o individualismo pós-moralista assumir duas facetas distintas. Enquanto uma tendência encaminha o indivíduo para a actividade profissional, há outra que o distancia disso. Enquanto uma tendência serve de motivação para fazê-lo trabalhar, a outra o redime de compromissos (absentismo, perda de consciência profissional, desinteresse, trabalho mal-executado). Se uma tendência



dignifica o valor do trabalho, a outra exalta os lucros fáceis; quando uma conduz à reafirmação dos valores éticos, a outra leva à transgressão dessas mesmas normas (corrupção, transacções ilícitas e remunerações ocultas, fraudes fiscais) (LIPOVETSKY, 2005, p. 168). Portanto, há duas vertentes no individualismo contemporâneo, de um lado individualismo responsável e organizador e, do outro, individualismo auto-suficiente, sem regras, desorganizador, irresponsável.

Individualismo Selvagem

Paralelamente ao “individualismo por excesso” e ao “individualismo por defeito”, se assiste ao desenvolvimento do individualismo selvagem, isto é, desviante e transgressivo, que combina a lógica da privação (pobreza, situação de fracasso, insatisfação pessoal) e lógica de excesso, lógica de frustração e lógica de “heroicização”, pulsão de ódio e estratégia utilitária (LIPOVETSKY, 2007, p. 170).

Convém esclarecer que o individualismo selvagem não coincide, naturalmente, com o individualismo dos bem-sucedidos que dispõem dos recursos da independência, mas também não se resume ao individualismo negativo ou sofrido. Este último corporiza-se na figura da vítima enquanto o individualismo selvagem procura formas de acção ilegítima e de afirmação pessoal para conjurar a imagem ou a condição de vítima.

Impõe-se determinar que o individualismo seja ele selvagem, por excesso ou por defeito, não está fora da história, não pode se concretizar senão a partir dos elementos particulares enraizados nas culturas seculares. É por isso que, nesta perspectiva, Tocqueville observa que “os povos sempre se ressentem de sua origem” (TOCQUEVILLE, 1835, p. 48). Lipovetsky, no entanto, concorda com essa ideia e defende que seja qual for o poder da globalização, ele não impedirá as sociedades de permanecerem impregnadas na sua história, na sua língua e na sua cultura. De modo igual, adverte que a despeito das forças unificadoras da cultura-mundo, (cultura-mundo significa cultura universal, significa também, fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e universalização da cultura mercantil) as heranças culturais, os “temperamentos nacionais” e as religiões continuarão a imprimir sua marca nos comportamentos, nas maneiras de ser e de sentir (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p.



64). De forma peremptória conclui que a humanidade não está a caminhar rumo a um mundo em que os gostos, os modos de vida e os costumes serão idênticos, mas o seu itinerário é para culturas diferentes reestruturadas pelas mesmas lógicas do capitalismo, do tecnicismo, do individualismo e do consumismo.

À parte o exposto acima, porém ainda sobre o assunto em alusão, de acordo com Severiano, embora a mundialização esteja sujeita às particularidades dos povos, percebe-se uma tendência a um padrão civilizatório, isto é, um conjunto de objectos de consumo que implicam um conjunto de novos valores e comportamentos que se vinculam com o espaço desterritorializado, típico do mundo globalizado, mas individualista e egocêntrico, excêntrico e despreocupado com a evolução e o bem-estar do próximo (SEVERIANO, 2006, p. 62).

As estruturas sociais que funcionavam como freios ao desenvolvimento do individualismo (tradição, família, igreja, grandes ideologias, partidos políticos) perderam a sua anterior autoridade em benefício da expansão social do princípio da individualidade (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 62). Devido ao enfraquecimento das capacidades organizadoras das instituições religiosas verifica-se uma forte tendência para a individualização do crer e do agir (LIPOVETSKY, 2007, p. 113), para a criação de laços particulares e para a relativização das crenças. Este último factor instiga a falta de harmonia social na medida em que cria alguns choques nos modos de ser e estar dentro da mesma comunidade.

Individualismo e Narcisismo

O termo narcisismo remete ao mito de Narciso, jovem de beleza singular, filho de Cefiso e de Liríope, que desperta paixões em mortais e deuses, as quais não são correspondidas devido à incapacidade de reconhecer outrem e de amar. Narciso se apaixona por sua própria imagem reflectida nas águas. Impossibilitado de viver essa paixão, ele jamais deixa a beira da água, para não se afastar do seu amor – ele mesmo. E acaba por definhando na espera de um amor extremo (ANDREW, 2009, p. 175). Portanto, o narcisismo é o amor de um indivíduo por si próprio ou por sua própria imagem.

Com a evolução social instaura-se o narcisismo, nas sociedades pós-modernas,



como uma nova perspectiva do individualismo. Isso pressupõe a emergência de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo próprio e com o seu corpo, com outrem, com o mundo e com o tempo, conforme espelha a menção que segue:

Afirma-se um individualismo puro, desembaraçado dos últimos valores sociais e morais que coexistiam ainda com o reinado glorioso do homo *aeconomicus*, da família, da revolução e da arte; emancipada de qualquer enquadramento transcendente, a própria esfera privada muda de sentido, entregue como está apenas aos desejos em transformação dos indivíduos. Se a modernidade se identifica com a esperança futurista, o narcisismo inaugura, pela indiferença histórica a pós-modernidade, a última fase do homo *aequalis*. (LIPOVETSKY, 1983, p. 48).

Viver no presente, apenas no presente e não já em função do passado e do futuro, é esta perda do sentido da continuidade histórica, esta erosão do sentimento de pertença a uma sucessão de gerações enraizadas no passado e prolongando o futuro, que segundo Lasch, caracteriza e engendra a sociedade narcísica (LASCH, 1979, p. 72). De facto, na actualidade, se vive para si próprio sem, no entanto, haver margem para a preocupação com as tradições nem com a posteridade: o sentido histórico sofre a mesma deserção que os valores e as instituições sociais (LIPOVETSKY, 1983, p. 49). Portanto, neste sentido, com muito maior razão, se pode afirmar que Narciso simboliza o tempo presente, caracterizado pela crise de confiança, pelo clima de pessimismo e de catástrofe iminente, o que torna Narciso incapaz de enfrentar o futuro sem desespero.

Em consonância com Lipovetsky, no narcisismo afirma-se o individualismo puro, seguido do capitalismo hedonista e da mudança da esfera privada, entregue aos desejos e transformações dos sujeitos (LIPOVETSKY, 1983, p. 49). Face a isso, no entender de Touraine, os indivíduos inseridos na realidade pós-moderna vivem um individualismo narcisista e são tomados pela nostalgia do “ser”, seja pelos papéis desempenhados ou pela realidade frívola e efémera da qual estão inevitavelmente expostos (TOURAINÉ, 1994, p. 28).

Os indivíduos narcísicos vivem o presente e não mais em função do passado e do futuro, estão focados em si mesmos, não havendo de sua parte nenhum tipo de preocupação com relação às tradições (que podem ser consideradas um tipo de reserva



moral) nem com a posteridade, demonstrando assim total desprendimento do que passou e do que há por vir (LIPOVETSKY, 1983, p. 46). É a conjuntura aqui descrita o que leva com que Touraine afirme que a preocupação dos indivíduos “não é viver melhor o amanhã, mas de modo diferente o hoje” (TOURAINÉ, 1998, p. 16). Contudo, percebe-se que a preocupação maior está focada no presente que deve ser cultivado e, por isso, o futuro seria uma consequência do viver hoje. O que acontece com frequência é a distorção deste foco e a preocupação apenas com o número e não com a qualidade.

Lasch, por seu turno, define o narcisismo como estrutura constitutiva da personalidade pós-moderna resultante de um processo no qual direcciona o funcionamento social (LASCH, 1979, p. 98). Tudo é direccionado para a promoção de um individualismo puro orientado para a “valorização generalizada do sujeito” (LIPOVETSKY, 1983, p. 50).

Por sua vez, Sennett concebe o narcisismo como uma obsessão com “aquilo que esta pessoa, este acontecimento significa para mim” (SENNETT, 1988, p. 21). Assim, o individualismo narcísico leva a pessoa a viver para si, independente da opinião das outras pessoas, favorecendo o privilégio de suas emoções íntimas (LIPOVETSKY, 2005, p. 26).

Lasch avança com a ideia segundo a qual o narcisismo, na actual cultura de individualismo, é estimulado de forma a ver o mundo como espelho de seus medos e desejos, tornando os indivíduos mais frágeis e dependentes quando se percebem impossibilitados de formar o mundo e prover suas próprias necessidades (LASCH, 1990, p. 17).

No entendimento de Lipovetsky o narcisismo não é de modo nenhum a última retracção de um Eu desencantado pela “decadência” ocidental e precipitando-se de corpo e alma no gozo egoísta. Nem se trata de uma nova versão do “divertimento”, nem de uma alienação, posto que, a seu ver, a informação nunca foi tão desenvolvida como na actualidade. Esclarece, pois, que o narcisismo abole o trágico e surge como uma forma inédita de apatia feita de sensibilização epidérmica ao mundo e simultaneamente de profunda indiferença em relação a ele: paradoxo que explica parcialmente a plethora de informações que assaltam o dia-a-dia e a rapidez com que os acontecimentos mass-



mediatizados se expulsam uns aos outros, impedindo toda e qualquer emoção duradoura. Com efeito, é da deserção generalizada de valores e finalidades sociais, implicada pelo processo de personalização, que o narcisismo surge (LIPOVETSKY, 1983, p. 50).

Na perspectiva de Sennett, o narcisismo tem duas características relevantes: estimula a introjecção das necessidades do eu e, também, bloqueia a satisfação que, em certos momentos, evita o contacto e a evolução das relações sociais (SENNETT, 1988, p. 24). O indivíduo é levado, então, a construir sua identidade no cultivo da individualização, que não deve ser confundida com egoísmo ou egocentrismo. Deste modo, é preciso perceber que “longe de derivar de uma tomada de consciência desencantada, o narcisismo é efeito do crescimento de uma lógica social individualista hedonista impulsionada pelo universo dos objectos e signos” (LIPOVETSKY, 1983, p. 51). Com isso, a pós-modernidade está repleta de pessoas com questões narcísicas que são, antes de tudo, inseguros de seus próprios limites e, dessa forma, é evidente a crescente preocupação com a identidade (LASCH, 1990, p. 20). Na senda do narcisismo viver hoje não mais significa, necessariamente, viver bem, mas usufruir ao máximo e sem limites.

Individualismo Exacerbado ou Hiperindividualismo

Baseando-se nas considerações de Lipovetsky & Serroy, na actual era hiperindividualista, o homem contemporâneo se sente obrigado a (re)criar a sua identidade. Assim, cria-se uma “*vida à la carte*”, em que o “*homo individualis*” opta por um múltiplo quadro de referência identitária em relação ao corpo, como obsessão com a saúde, o culto a forma corporal, os cuidados de beleza, a busca pela magreza, entre outros. Deste modo, destaca-se uma sociedade “desorientada” entremeada a uma cultura hedonista e narcisista (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 53).

Na visão de Calligaris, o narcísico mundo novo elucida possíveis problemas na construção da identidade, conforme espelha a menção que segue:

A procura de um fundamento levará as pessoas a se agarrarem em identidades imaginárias, como se estas fossem propriedades



intrínsecas de seu ser. As possibilidades de diálogo, negociação e conciliação entre identidades diferentes serão difíceis, pois, a diferença dos valores simbólicos, embora substituíveis, são uma vez assumidas, compactas e inalteráveis. (CALLIGARIS, 1996, p. 52).

Segundo Lipovetsky não há razões de pessimismo porque os valores que regem as sociedades são humanistas, embora não sejam respeitados por todos, mas eles existem. Não só, para ele o optimismo deve prevalecer porque o homem é provido de inteligência e de racionalidade para fazer a humanidade progredir em direcção a algo mais satisfatório.

Num certo sentido, pode se afirmar que, essa desorientação que caracteriza a cultura-mundo é, sim, um caos, na medida em que a sociedade actual opta pelo individualismo, egoísmo, prazer e desejos desregrados, desrespeitando quase todos os valores, principalmente, os valores morais como a bondade, a honestidade, o respeito, a verdade, o amor, a lealdade, a responsabilidade, a união familiar. A cada dia que passa se mergulha, cada vez mais, numa cultura que tende a não se importar com os princípios ético-morais, isto é, há uma crise de valores. O indivíduo ficou sem raízes, passando para a periferia da essência da vida, caindo na vala da ignorância, razão pela qual, hoje, o indivíduo é adepto do permissivismo total e absoluto, tudo faz, tudo aceita, tudo diz e tudo consome, sem antes usufruir de alguns momentos de reflexão que lhe permitam fazer escolhas razoáveis e tomada de decisões adequadas e/ou acertadas.

A desorientação vai mais além, como demonstram os laços actuais relativamente a relação com a família. A família contemporânea regista uma baixa no número de casamentos, divórcios em alta, coabitação pré-nupcial, surto dos nascimentos fora do casamento, abortos resultantes de gravidezes indesejadas porque não planejados e baixa fecundidade. O casamento torna-se mais contractual, mais instável, cada um dos seus elementos querendo ser autónomo e procurando preservar a sua disponibilidade num compromisso considerado rescindível. Os laços tornam-se mais precários: para todos os efeitos, a família já não escapa às estratégias temporárias, individualizadas, contratualizadas do indivíduo-apático, distinto e distante, preocupado somente com a satisfação de seus desejos e interesses individuais (LIPOVETSKY, 2007, p. 115). Tendo perdido todo carácter de evidência, a família tornou-se “incerta”, objecto de



hesitação, de deliberação, de decisão estritamente individual (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 54). Tudo se tornou aberto, negociável e indeterminado e, em função disso, passível de ser descartado a qualquer instante.

Segundo Lipovetsky & Serroy paralelamente à multiplicação das fontes de informação e ao desalinhamento individualista florescem as comunidades virtuais construídas em torno de um centro de interesse comum, aumentando, assim, mais um grau na escala do hiperindividualismo (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 79). O hiperindivíduo é um sujeito interconectado, “ligado” permanentemente nas redes que, no fundo, são comunidades tão pouco verdadeiras onde os internautas se comunicam apenas sob identidades “pseudo” ou sob a forma de avatares. A explosão das comunidades virtuais é a expressão da hipertrofia real da individualização. A experiência apresenta que a aderência exagerada às comunidades virtuais contribui para a fragilização dos vínculos afectivos reais, na medida em que mantém o indivíduo preferentemente preocupado em manter o contacto diário e constante com um desconhecido do que com pessoas que o cercam. A título de exemplo, há filhos que não conseguem desejar “um bom dia” aos próprios pais presentes em casa, no entanto, nunca falham em saudar um amigo bem distante que o conheceu no *facebook*. A partir destes factos nota-se claramente que as pessoas estão mais preocupadas com o mundo fictício que com o mundo real.

A época actual, por um lado, celebra a responsabilidade individual e os comportamentos de prevenção, venera a saúde, o equilíbrio íntimo, a qualidade de vida e, por outro lado, observa uma profusão de fenómenos sinónimos de excesso e descontrolo do indivíduo: *fashion victims*, endividamento das famílias, “viciados” em videojogos, ciberdependências, toxicomanias, práticas aditivas de todo o tipo, anarquia dos comportamentos alimentares, bulimia e obesidade (LIPOVETSKY, 2007, p. 107). Surge, em simultâneo, um indivíduo desenfreado e caótico, e um consumidor “perito” que assume o controle de forma responsável.

O afrouxamento dos processos de controlo colectivos, as normas hedonistas, a multiplicidade de opções, a educação liberal: todos estes factores contribuem, de forma ímpar, para o aparecimento de indivíduos desligados dos objectivos comuns que,



reduzidos apenas às suas próprias forças, se mostram, muitas vezes, incapazes de resistir às solicitações do exterior como aos impulsos interiores (Ibid., p. 108). Assim, a humanidade se torna testemunha de toda uma série de comportamentos desestruturados (desorganizados), desestruturadores (desagregadores) e desestruturantes (desestabilizadores), trata-se de comportamentos que perturbam, desmoralizam, deprimem, fragmentam e deterioram o tecido social, ético e moral. À medida que se amplifica o princípio de pleno poder do indivíduo sobre o rumo a dar à sua vida, as manifestações de dependência e de impotência subjectivas tornam-se cada vez mais comuns. No teatro contemporâneo do individualismo estão em cena tanto o Narciso libertado, quanto o Narciso acorrentado.

Indiferença Pura do Indivíduo Hipermoderno

A indiferença não se identifica com a ausência de motivação; identifica-se com pouca motivação, com anemia emocional, com a desestabilidade dos comportamentos e juízos hoje flutuantes na esteira das flutuações da opinião pública. O indivíduo indiferente não se apega a nada, não tem uma certeza absoluta, está preparado para tudo e suas opiniões são susceptíveis de modificações rápidas (LIPOVETSKY, 1983, p. 42). A indiferença não significa passividade, resignação ou mistificação.

O saber, o trabalho, o exército, a família, a igreja, o poder, os partidos, já globalmente, deixaram de funcionar como princípios absolutos e intocáveis; em graus diferentes, já ninguém lhes dá crédito, ninguém investe seja no que for. Em coerência com o exposto, uma questão pertinente se faz necessária, a saber: Quem acredita ainda nas virtudes da solidariedade, da fraternidade, da hospitalidade, do esforço, da poupança, da consciência profissional, da autoridade, das sanções? Infelizmente, nota-se que no âmbito do saber muito conhecimento transmitido perde o seu sentido e valor. Neste contexto, se se partir do enunciado de Nietzsche: “Qualquer sentido é preferível à completa ausência de sentido” (NIETZSCHE, 2012, p. 43) parece óbvio que nos tempos actuais esta ideia deixou de ser verdade e aplicável. No trabalho as taxas de absentismo e de *turn over* não param de aumentar e a reforma é a inspiração de massa. O absentismo e o *turn ver* revelam que o desinvestimento do trabalho caminha a par de novas formas de



combatividade e de resistência. O sindicalismo experimenta uma queda de influência análoga, pois o número dos trabalhadores sindicalizados tende a diminuir.

O homem *cool* não é nem o decadente pessimista de Nietzsche nem o trabalhador oprimido de Marx. Assemelha-se mais ao telespectador que experimenta para ver, um a um, todos os programas da noite (LIPOVETSKY, 1983, p. 40). No exército todos os meios servem para obter a passagem à reserva. Escapar ao serviço militar já não constitui uma vergonha. Na família as taxas de divórcio tendem a subir. Os idosos são corridos para os lares de acolhimento, os pais querem continuar jovens. A Igreja já não consegue recrutar sacerdotes e nem religiosas (*Ibid.*, p. 34). O poder, o prestígio e a autoridade que os docentes tinham desapareceram quase por completo. Hodiernamente o discurso do Mestre encontra-se banalizado e dessacralizado. A política entrou na era do espectacular, liquidando a consciência rigorista e ideológica em benefício de uma curiosidade dispersa, captada por nada e por tudo (*Ibid.*, p. 38). O cidadão se interessa pelos partidos do mesmo modo que as apostas nas corridas, a meteorologia do fim-de-semana ou resultados desportivos.

Por toda a parte a indiferença cresce, desembaraçando as instituições da sua dimensão anterior e, concomitantemente, do seu poder de mobilização emocional. No entanto, o sistema funciona, as instituições reproduzem-se e desenvolvem-se, mas em roda livre, no vazio, sem adesão nem sentido, cada vez mais controladas pelos “especialistas”. Conforme o entendimento de Nietzsche, “especialistas” são os únicos que querem ainda injectar sentido e valor onde já nada reina para além de um deserto apático (NIETZSCHE, 2012, p. 48). Portanto, nota-se aqui o surgimento de novos valores, típicos duma sociedade pós-moralista.

Papel da Mídia no Indivíduo Hipermoderno

A mídia consiste no conjunto de diversos meios de comunicação, tais como, jornais, televisão, revistas, internet e rádio, com finalidade de transmitir informações e conteúdos variados. Ela tem um papel normalizador e emancipador na medida em que impõe as normas morais e propõe escolhas extremamente variadas, permitindo ao indivíduo ter uma maior autonomia de pensamento e de acção (LIPOVETSKY &



CHARLES, 2011, pp. 43-44).

A bem dizer, a mídia tem sido o agente de dissolução da força das tradições, das morais rigorosas e das grandes ideologias políticas ao sacralizar o direito à autonomia individual, ao promover uma cultura relacional, ao celebrar o amor ao corpo, aos prazeres e à felicidade privada (*Ibid.*, p. 93).

Além disso, a mídia é tomada pela lógica hipermoderna que favorece, em paralelo, comportamentos responsáveis e irresponsáveis. Ela fixa as prioridades, orquestra a generosidade, consegue, de resto, com muito sucesso, mobilizar esporadicamente o público. Daí o paradoxo da era pós-moralista: quanto mais se manifestam os desejos de autonomia individualista, mais as acções morais de generosidade são impulsionadas, estimuladas, pelo exterior (LIPOVETSKY, 2004, p. 29).

Sem dúvida, parece legítimo afirmar que a época actual não cria, de forma nenhuma, uma consciência permanente, introjetada, difícil, do dever; cria, de preferência, conforme as palavras de Jean-Marie Guyau, “uma moral sem obrigações nem sanções” (GUYAU, 1919, p. 79), ou, dito em outras palavras, uma moral emocional descontínua que se manifesta principalmente por ocasião de grandes desesperos humanos.

As considerações acima provam que não mais se crê no imperativo de viver para o outro, no ideal da moral tradicional que dava preferência ao próximo. Se revela evidente que a verdadeira moral se retraiu para a esfera interindividualista, liberada da ideia do imperativo permanente (LIPOVETSKY, 2004, pp. 29-31). Todavia, isso não significa, segundo Lipovetsky, que não há mais moral, mas que a moral dominante em nossas sociedades é uma moral interpessoal e emocional, indolor e não imperativa, uma moral adaptada aos novos valores de autonomia individualista. Aqueles indivíduos que serviam de modelos e, diante disso, admirados moralmente não mais servem de exemplos reais.

Após as reflexões precedentes, há que considerar ainda que a mídia está intrinsecamente relacionada ao jornalismo e à publicidade. A publicidade cria necessidades supérfluas, desencadeando continuamente novos desejos de aquisição,



identificando a felicidade com os bens de consumo (RUSS, 2011, p. 162). A publicidade é acusada de manipular-estandardizar-cretinizar o indivíduo, como também de ser uma armadilha diabólica que agudiza continuamente a insatisfação das pessoas. Espectáculo eufórico, a publicidade contribui para a propagação de uma miséria psicológica crónica dos seres; no seu reino, Penia é elevada ao seu expoente máximo (LIPOVETSKY, 2007, pp. 147-148). Este cenário é responsável por induzir Pereira a deduzir que as propagandas parecem ignorar que o indivíduo hipermoderno possui limites e fragilidades derivados da condição de ser “um personagem atado a redes sociais, com as quais deve negociar para chegar a uma linguagem que fale de si” (PEREIRA, 2004, p. 120).

Ainda, relativamente a publicidade, Brune, de forma acertada, compara a publicidade a um “polvo” totalitário (BRUNE *Apud* LIPOVETSKY, 2007, p. 148). Barber afirma que o desenvolvimento explosivo da publicidade reflecte e reforça o novo totalitarismo dos mercados (BARBER *Apud* LIPOVETSKY, 2007, p.148). Outros teóricos não hesitam em denunciar um “fascismo soft” que se estende a todas as dimensões da vida. Contudo, conforme Lipovetsky, em todos os casos, a publicidade surge não apenas como chave de leitura dos mecanismos de frustração, característicos das novas sociedades, mas, também, como símbolo das instituições que se apropriam dos homens, sobretudo os que se mostram capazes de reorganizar o seu modo de vida (LIPOVETSKY, 2007, p.148).

Aniquilação da Sociabilidade e dos Valores Morais pelo Individualismo?

Alguns teóricos identificam e compreendem o individualismo exacerbado como uma realidade aterrorizante, um totalitarismo de um novo estilo despersonalizante e estupidificante dos seres. Outros apontam-no como sinónimo do apogeu do fim dos valores e das formas de sociabilidade. Há, ainda, os que se mostram alarmados com a ideia de que o individualismo possa, brevemente, asfixiar os sentimentos humanos mais elevados (*Ibid.*, pp. 110-111).

É necessário, no entanto, reconhecer que, na sociedade onde o individualismo é o que prevalece, a fragilidade das relações humanas aumenta à medida que o Eu se



torna alvo de todos os investimentos e preocupações centrais dos sujeitos. Evidencia-se, então, o narcisismo em detrimento de relações saudáveis, isto é, adequadas, pois o sujeito tende a tornar-se absorto em si e em busca da “plena realização do Ego puro” (LIPOVETSKY, 1983, p. 53). Os indivíduos são mais astutos, dissimulados e usam máscaras para viverem nesta realidade pós-moderna e, com isso, enfraquecem-se os laços de confiança (Ibid., p. 55). Decerto, a falsidade que caracteriza os indivíduos contemporâneos contribui para a formação de laços afectivos utópicos, de modo igual, essa falsidade não permite, *a priori*, que se tenha conhecimento do que realmente as pessoas são, posto que, a máscara que usam dificulta a identificação real de cada um.

Lipovetsky adverte que não se pode negar, muito menos se ignorar, que a televisão, o automóvel, o telemóvel, as actividades de lazer, etc., contribuíram para o abandono de todo um conjunto de lugares de encontro tão diversos como, por exemplo, os cafés, os restaurantes, os parques, as praças e os clubes. Diante deste cenário, a questão que se coloca é: será que o quadro que se assiste significa que o gosto pela sociabilidade e pelas trocas inter-humanas foi aniquilado? A resposta de Lipovetsky é no sentido de que a realidade vigente de forma nenhuma confirma essa hipótese. Conforme o seu entendimento, o tempo dedicado à televisão ou ao vídeo aumenta, mas, juntamente, constata-se uma subida – ainda que ligeira – das visitas a museus, teatros, monumentos, circos, salas de exposição ou locais considerados património (natural, cultural, histórico, arqueológico, industrial e documental). Os cafés, por exemplo, não desaparecem completamente, embora sejam menos frequentados. Contudo, surge toda uma geração de estabelecimentos “especializados” (bares e casas destinados especificamente a um determinado grupo de indivíduos e a um determinado tipo de actividades, surgem bares de consumo de cerveja ou de vinho, cibercafés, etc.).

Além disso, verifica-se que os jovens se comunicam via mensagens de textos, combinam e se encontram para conversar, para irem ao cinema, para fazerem compras, para comerem um hambúrguer, etc. De um modo geral, as casas tendem a tornar-se um espaço adequado para se usufruir o tempo livre, e as saídas à noite para ir visitar amigos são mais frequentes que antes (LIPOVETSKY, 2007, p. 123).

Em bem da verdade, não se pode ignorar que o gosto pela sociabilidade tende a



reduzir, principalmente entre pessoas da mesma família. Parte das famílias dificilmente se visitam, dificilmente marcam encontros de socialização, somente se encontram em circunstâncias de extrema obrigação, como em cerimónias fúnebres, de casamento, de aniversário, porém importa aqui salientar que mesmo nestes casos há pessoas que não participam. Nota-se, sim, maior sociabilidade entre os indivíduos que consomem álcool. Estes tendem a conviver com muita frequência e de modo regular. Talvez porque muitos dos que são exímios apreciadores do álcool são apologistas da ideia de que o álcool sabe bem quando estão em grupo. Fora destes encontros alicerçados em álcool, a sociabilidade é flexível e instantânea. Portanto, hoje em dia as pessoas trocam mais impressões por meio das tecnologias do que fisicamente. Ideia contrariada por Lipovetsky, conforme mostra a referência que segue:

Contrariando uma ideia muito difundida, a sociabilidade (...) não significa que o indivíduo se isole no seu casulo, nem que se verifique um “confinamento interactivo generalizado”. O equipamento audiovisual das nossas casas não suprimiu de modo algum a necessidade de estarmos em contacto com o “mundo” e de convivemos com os nossos amigos. Estamos longe da sociedade “onde a comunicação abunda, mas os encontros escasseiam”: é pelo contrário, o gosto pelo *live*, o desejo de sair, de ver pessoas, de participar em grandes reuniões festivas que parecem representar as tendências mais significativas. Ao observar a profusão de clubes e associações, nada leva a crer que no futuro nos encontraremos cada vez menos uns com os outros, vivendo num estado de crescente “solidão interactiva”. A verdade é que são os indivíduos melhor equipados com as novas tecnologias que saem mais e convivem com mais pessoas (LIPOVETSKY, 2007, p. 124).

Os estudos recentes mostram que as relações virtuais não ameaçam as relações pessoais, completam-nas, porquanto os indivíduos usuários assíduos da internet continuam a manter relações fora dela. Por isso, segundo Lipovetsky, é necessário, e também urgente, que se evite o cliché do declínio da vida social, posto que a seu ver não existe qualquer perigo real no que respeita a sociabilidade. Se as relações de vizinhança enfraquecem, tal não se deve a um crescente confinamento doméstico, mas a uma “sociabilidade alargada” mais selectiva, mais efêmera, mais emocional; por outras palavras, mais coerente com o *ethos* do individualismo. Conforme se pode depreender, Lipovetsky enfatiza que as relações virtuais em nenhum momento



ameaçam as relações pessoais presenciais, embora se pode notar que elas condicionam, em grande parte, à fragilização dos encontros físicos entre as pessoas. São muitos que se contentam em trocar impressões por meio da tecnologia, sem sequer se moverem, isolados em casa, mas abertos e em contacto constante e distante com o outro mundo.

Para Lipovetsky a “decomposição dos valores” tem os seus limites, pois há valores que não se perderam, como os direitos do homem, as liberdades públicas e individuais, o ideal de tolerância, a rejeição da violência, da crueldade, da exploração dos mais fracos, entre outros. Embora o espírito de sacrifício e o ideal de “viver para o próximo” já não sejam professados, não se deve associar a cultura do individualismo à ausência total de valores e de comportamentos altruístas. Apesar de todas as formas de indiferença, que não se podem negar, as sociedades propiciam a identificação com o outro. O coração do indivíduo hiperindividualista não deixou de pulsar, apenas mudou de ritmo (LIPOVETSKY, 2007, p pp. 124-125).

Com efeito, num certo sentido, sem dúvidas, pode-se afiançar então que a erosão das grandes obrigações morais é acompanhada por um vasto consenso sobre os princípios éticos e políticos da modernidade liberal. Os protestos e os engajamentos éticos se multiplicam, os impulsos de solidariedade e de doações às vítimas nunca foram tão elevados. Embora muitos levantam a voz contra o naufrágio de uma civilização cada vez mais marcada pelo egoísmo, a primazia do dinheiro, a delinquência, a grande criminalidade económica e financeira, é preciso tomar em linha de conta que, também, existe uma outra parte que impede de associar o hiperindividualismo exclusivamente a uma decadência, pois nota-se, coincidentemente, as demonstrações de solidariedade para com os desfavorecidos, os donativos a favor das vítimas de doenças ou catástrofes sem precedentes. Todos estes fenómenos e outros indicam que a sociedade do hiperindividualismo não conseguiu destruir por completo o valor dos princípios morais (Ibid., p. 306).

De facto, cabe observar que o culto hedonista que se manifesta não impede, em absoluto, a indignação diante das guerras, das misérias e das injustiças, nem o interesse pelas devastações da fome no mundo, pelas crianças vítimas de violência, pela defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres, pela exigência de justiça e de



compartilhamento, pelos grandes combates ecológicos, pela preocupação de preservar um futuro para as próximas gerações (LIPOVETSKY & SERROY, 2013, p. 311). Evidentemente, para Lipovetsky o individualismo não se manifesta num deserto de valores.

No seguimento do que se acabou de referir, duas questões se tornam oportunas: será que se os valores primordiais do humanismo moral, os referenciais de sentido (a justiça, o amor, amizade) se volatizaram? Será que ainda existe alguma bússola e/ou senso moral? Lipovetsky acredita que nem os ideais da solidariedade e da ajuda mútua, nem o altruísmo, nem a indignação e nem o valor do amor desapareceram. O hiperindividualismo não é nem o grau zero dos valores nem a negação do valor da relação afectiva com o outro. A despeito das inúmeras injustiças do mundo presente e do hiperindividualismo, às vezes invejoso, os princípios morais superiores não estão de modo algum caducos. Aliás, nenhum humano perdeu, em definitivo, a sua alma: o decadentismo moral é um mito (LIPOVETSKY & SERROY, 2013, p. 311). A humanidade não está, de todo, fadada ao niilismo, tampouco a um relativismo absoluto que afirma que tudo se equivale. A respeito, Allan Bloom escrevia que “não se é mais capaz de falar do bem e do mal com uma ponta que seja convicção” (BLOOM, 1991, p. 75). Para Lipovetsky, este diagnóstico é tão caricato quanto inexacto, pois a consciência moral se mostra sempre vigilante, ela condena enfaticamente as práticas discriminatórias, as diversas formas de escravidão, as agressões à dignidade humana (LIPOVETSKY & SERROY, 2013, p. 312).

Dentro deste cenário, também, há que considerar que a linha divisória entre o bem e o mal não é mais estabelecida pela igreja, mas debatida na mídia e em instâncias civis, comissões de ética, comissões da deontologia. A cultura dos deveres relativos a si mesmo foi substituída pela dos direitos individualistas e da gestão funcional de si em nome do máximo de bem-estar. A cultura da ética de sacrifícios, que vigorou amplamente até meados do XXI foi liquidada. As sociedades de consumo-comunicação deixaram de exaltar sistematicamente os mandamentos difíceis, funcionam agora fora da forma do dever, fora da obrigação moral intransigente e disciplinadora. Antes a moral apresentava uma face austera, autoritária, categórica,



agora é de encantamentos, das operações de mídia essencialmente dirigidas a um ponto específico, circunstanciais, emocionais (LIPOVETSKY, 2004, p. 28).

Com isso, Bauman afirma que a era da modernidade líquida em que a humanidade se encontra mergulhada, onde o individualismo está acima de tudo, a fragilidade das relações humanas aumenta à medida que se torna fatal a capacidade de amar, seja amor a si próprio ou ao outro (BAUMAN, 2004, p. 4). Relacionar-se hoje em dia, transformou-se numa espécie de troca, o que faz com que a qualidade das relações e das satisfações perca a sua natureza, na medida em que, o foco primordial é a gratificação instantânea e a felicidade individual (BAUMAN, 2007, p. 52). De acordo com May o problema dos sujeitos contemporâneos é o vazio, efectivamente, as pessoas ignoram suas próprias vontades e, como se isso não fosse o bastante, não possuem uma ideia clara relativamente aos seus sentimentos (MAY, 1987, p. 23).

Na sociedade do hiperindividualismo a insatisfação cresce mais depressa que as ofertas de felicidade. Consume-se mais, mas se vive menos; somam-se os apetites de aquisição e agudizam-se as insatisfações individuais. Desespero, desapontamento, desilusão, desencanto, tédio, nova pobreza: o universo individualista e mercantilizado agrava o sofrimento do homem, conduzindo-o a um estado de insatisfação irredutível. E assim, se pode considerar que Penia surge como figura emblemática do hiperconsumidor e do hiperindividualista, como símbolo do lado trágico da opulência e, simultaneamente, do isolamento (LIPOVETSKY, 2007, pp. 135-136). Tudo indica que a elevação da vida material não se faz acompanhar pela alegria e pelo entusiasmo, causa tristeza e insatisfação à maioria dos indivíduos.

Conforme Lipovetsky, convém que as sociedades não se esqueçam, e muito menos ignorem, que não se socializa apenas para satisfazer necessidades “básicas”, mas também, e sobretudo, para sonhar uns com os outros, para a distração, para a descoberta de novos e outros horizontes, e para “aligeirar” a vida quotidiana (*Ibid.*, p. 297). A propósito, assevera que é preciso se ter em conta que uma parte da felicidade humana se compõe de prazeres “inúteis”, de diversão, superficialidade, aparências, felicidades mais ou menos insignificantes.

De qualquer forma, é preciso combater a ideia de que o individualismo origina a



deslegitimação de todos os valores, bem como a generalização do cinismo e do relativismo. Na óptica de Lipovetsky, ainda sobra um certo optimismo que lhe conduz à afirmação de que a humanidade está distante do reino do “vale tudo”, e isto se manifesta na medida que a maioria dos indivíduos exprime as suas convicções morais através de reacções de indignação e de diversos tipos de comportamentos “responsáveis” ou altruístas. Assim, é legítimo considerar que não se trata da “morte dos valores”, mas do colapso das regras morais heterónomas, a par da individualização da relação com a esfera ética (Ibid., pp. 306-307). A sociedade hiperindividualista não se reduz ao culto obsessivo dos prazeres privados, sendo também o espaço onde compete ao indivíduo determinar aquilo que deve fazer, inventando as regras da sua própria conduta.

Observe-se, no entanto, que tendo em vista a busca da felicidade material as exigências da obrigação moral se reduzem paulatinamente. Nas esferas social, cultural, política, moral e económica os direitos soberanos do indivíduo estão se firmando e se colocando em posição de destaque: direitos do homem, direito aos prazeres, direito a buscar livremente os interesses pessoais (LIPOVETSKY, 2005, pp. 3-4). Foi por essa razão que Leo Strauss julgou apropriado denominar a modernidade uma cultura na qual “o facto moral essencial e absoluto é um direito e não um dever” (STRAUSS *Apud* LIPOVETSKY, 2005, p. 4) Na mesma senda, Lipovetsky afiança que não é verdade que o princípio de prazer se tornou a medida de todas as coisas, o alfa e o ómega da vida.

Isto posto, as últimas questões a serem feitas são: será que todo este cenário conduz a humanidade à um mundo sem alma? O que, então, resta dos valores morais em um mundo sujeito à lei hegemónica do individualismo furioso e desenfreado?

Ora, de alguma forma, há que considerar que, não tão-somente parece legítimo, mas, até certo ponto, também indispensável destacar o facto de que na contemporaneidade domina a ideia de que a civilização passa por “uma crise de valores, uma crise de proporções inauditas”. Sem dúvida, a época actual, caracterizada pelo individualismo, é de um egoísmo que se alicerça na ideia de cada um por si e na conduta de indiferença pelo próximo.



Lipovetsky concorda que muitos aspectos ilustram inegavelmente esta dinâmica, mas questiona se essa é a única tendência – questão que ele deixa em aberto. De acordo com a visão otimista que Lipovetsky tem do mundo se pode avançar com a ideia de que essa não é a única tendência: enquanto uma barbárie flui e é abraçada por alguns indivíduos, paralelamente, outros indivíduos seguem os preceitos morais, identificam-se com o comprometimento com actos dignos de louvor, porquanto “quaisquer que sejam as manifestações de um individualista extremado é imperioso levar em conta que não atingimos o grau zero de valores” (LIPOVETSKY, 2005, p. 135). O senso de indignação moral não foi de modo algum erradicado, as sociedades reafirmam um núcleo estável de valores partilhados: como a honestidade e o respeito pelas crenças.

Lipovetsky sugere que a humanidade, finalmente, se encontra na era pós-dever, uma época pós-moralista. A era que vem depois do dever só pode admitir uma moralidade muito minimalista (LIPOVETSKY, 2005, p. 34). A humanidade se encontra numa era, onde o indivíduo precisa preservar os valores morais e garantir os vínculos afectivos duradouros por meio da ética da responsabilidade e do cuidado. Não só, a humanidade se depara com uma sociedade onde o estágio do individualismo almeja uma ética da responsabilidade e do cuidado. Porém, é imperioso salientar que estas são condições necessárias, mas não suficientes.

Individualismo e a Educação Contra a Permissividade

Até os anos 1960 o funcionamento social da educação se baseava em valores tradicionais e autoritários: educar as crianças “com mão forte” gozava de uma forte legitimidade, sendo considerado o melhor meio de prepará-las para a dura realidade da vida. Esse tipo de valores sofreu diversas críticas desde o início do século XX, por parte das correntes reformadoras, mas foi só na esteira dos anos 1960 que o tipo de educação compreensiva, psicológica, às vezes permissiva, se difundiu verdadeiramente no corpo social. Assim, os valores educacionais se alinharam com a cultura individualista-hedonista. Essa reviravolta (mudança repentina e drástica) teve, inegavelmente, seu lado bom, mas quando foi levado ao extremo seus efeitos se



mostraram desastrosos. Do lado dos pais, alguns se viram completamente despreparados e desarmados e, em razão disso, incapazes de dizer não aos filhos posto que ficaram apavorados sobretudo com a ideia de perderem o amor deles e, por conseguinte, se sentirem culpados por não terem lhes dedicado tempo suficiente. Do lado dos filhos, a educação sem imposição de limites favoreceu o desenvolvimento de seres agitados, hiperactivos, ansiosos, frágeis porque criados sem regras nem limites, isto é, na onipotência e na onifruição (LIPOVETSKY & SERROY, 2013, p.301). É oportuno, aqui, destacar que este modo de educar priva as crianças e, mais tarde, os adultos dos recursos psíquicos necessários para aguentar o confronto com o real, suportar o princípio de realidade, o fracasso, a frustração e a adversidade.

Em virtude, porém, da importância e necessidade da existência de limites na vida do ser humano, tem-se que

na perspectiva de Freud, a pressão dos limites é necessária para o indivíduo não se considere o centro de um mundo reduzido tão só à satisfação de seu bel-prazer. Os ideais educativos liberalizadores de 1968 falharam: falência do famoso “É proibido proibir” mostra, aos que podiam duvidar disso, que é necessário que a criança seja enquadrada, guiada, e aprenda, se ela quiser um dia saber e dirigir ela própria seu pensamento (FREUD, 2011, p. 59).

Não obstante, a cultura hedonista-permissiva não ocupou todo os espaços da vida, isto é, das vivências e experiências humanas. Felizmente, ela não destruiu a ideia de que educar implica dar prova de autoridade estabelecendo limites aos desejos, conforme clarifica a referência acima.

A ideia relativa a imperatividade da existência de limites presente em Freud é, igualmente, presente e notória em Lipovetsky, mormente quando argumenta que

não há educação digna desse nome sem enquadramento, sem imposição de normas e regras, sem frustração, única maneira de aprender a adiar a satisfação e se apropriar das diversas imposições do mundo (LIPOVETSKY & SERROY, 2013, p. 301).

Portanto, do que foi dito, segue-se, necessariamente, que o indivíduo deve, imperativamente, por meio da educação estar munido de premissas que o permitem comportar-se sem excessos e pautar por uma conduta racionalizada e regrada.



Considerações Finais

O estudo da teoria de Gilles Lipovetsky sobre o indivíduo hipermoderno revela uma complexa tapeçaria de comportamentos e valores que caracterizam a sociedade contemporânea. O individualismo, como elemento central dessa teoria, é visto sob diversas lentes, cada uma destacando aspectos específicos que contribuem para a compreensão de nossa era.

Inicialmente, a noção de individualismo é expandida para incluir o dualismo inerente ao indivíduo hipermoderno, onde duas tendências contraditórias coexistem. Por um lado, há um desejo de autoafirmação e autonomia pessoal, enquanto, por outro, há uma dependência crescente de validação externa e reconhecimento. Esse dualismo gera uma tensão constante, levando à fragmentação da identidade e à dificuldade de formar relacionamentos significativos.

O conceito de individualismo selvagem proposto por Lipovetsky sugere uma forma de egoísmo desmedido, onde os limites entre o interesse pessoal e o bem comum são cada vez mais tênues. Essa forma de individualismo está intimamente ligada ao narcisismo, um traço marcante da personalidade hipermoderna, onde o foco excessivo no "eu" resulta em uma diminuição da empatia e da consideração pelo outro.

O hiperindividualismo é outra dimensão explorada, onde a exacerbação das características individuais leva à "indiferença pura". Este termo descreve a apatia e a desconexão emocional que muitos indivíduos experimentam, manifestando-se na falta de envolvimento com questões sociais e comunitárias. Neste contexto, a mídia desempenha um papel crucial, promovendo e reforçando padrões de comportamento que alimentam o individualismo e o narcisismo. A constante exposição a ideais de sucesso, beleza e consumo molda a percepção dos indivíduos, exacerbando a busca por validação e satisfação imediata, e contribuindo para a superficialidade das relações interpessoais.

A mídia tem um impacto profundo na construção e perpetuação do indivíduo hipermoderno. Através da publicidade, programas de televisão, redes sociais e outras formas de comunicação, a mídia dissemina ideais e valores que promovem o individualismo e o narcisismo. A mídia cria um ambiente onde o consumo é visto como



um caminho para a felicidade e a realização pessoal, alimentando a necessidade de validação externa. Esse ciclo de consumo e validação perpetua o individualismo exacerbado, dificultando a formação de laços sociais profundos e significativos.

A aniquilação da sociabilidade e dos valores morais pelo individualismo exacerbado é uma das preocupações centrais desta análise. Lipovetsky sugere que, na busca incessante pela realização pessoal e pelo prazer imediato, os indivíduos se afastam de compromissos sociais e éticos que outrora sustentavam a coesão social. Esta desintegração de laços sociais leva a um vazio existencial, onde a satisfação instantânea substitui a busca por significados mais profundos. A perda de valores morais compartilhados cria um ambiente onde a solidariedade e a empatia são raras, aumentando a fragmentação social e a alienação.

Neste cenário, a educação emerge como uma ferramenta vital para contrapor a permissividade e resgatar valores coletivos. Uma educação que valorize a empatia, a solidariedade e o pensamento crítico pode oferecer um antídoto contra os excessos do hiperindividualismo. Ela pode promover uma consciência mais profunda das interdependências sociais e ambientais, incentivando um equilíbrio entre autonomia individual e responsabilidade coletiva. Programas educativos que enfatizem a importância da comunidade, da cooperação e do engajamento cívico podem ajudar a reconstruir os laços sociais e a fortalecer os valores morais que sustentam a coesão social.

A educação também deve focar no desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, ajudando os indivíduos a navegar nas complexidades das relações humanas em um mundo hipermoderno. Ao fomentar a capacidade de empatia, a resiliência emocional e a comunicação eficaz, a educação pode capacitar os indivíduos a formar conexões mais profundas e significativas, combatendo a tendência à indiferença e à superficialidade nas relações interpessoais.

Além disso, a integração de valores éticos e sociais nos currículos educativos pode incentivar uma reflexão crítica sobre o impacto do consumo e do individualismo na sociedade. Ao promover uma maior conscientização sobre as consequências sociais e ambientais das escolhas individuais, a educação pode inspirar um comportamento mais



responsável e sustentável. Dessa forma, a educação não apenas contraria os excessos do individualismo, mas também promove um sentido de propósito e compromisso social, essencial para a coesão e sustentabilidade da sociedade.

Em síntese, a desconstrução do indivíduo hipermoderno conforme a teoria de Gilles Lipovetsky revela as complexidades e contradições do individualismo contemporâneo. Embora o individualismo ofereça potencial para a realização pessoal e a liberdade, seu exagero pode levar à fragmentação social e ao colapso de valores éticos. Reconhecer esses desafios e buscar um equilíbrio através da educação e da mediação cultural, ética e moral é essencial para construir uma sociedade mais harmoniosa e coesa.

O estudo do indivíduo hipermoderno, portanto, não é apenas uma exploração teórica, mas um chamado à ação para reavaliar e reestruturar os valores que guiam vidas humanas em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente. A abordagem crítica de Lipovetsky proporciona uma base sólida para entender como o hiperindividualismo molda as interações e estruturas sociais, e desafia as sociedades a encontrar maneiras de cultivar um senso de comunidade e responsabilidade mútua. O papel da educação é, portanto, crucial para formar indivíduos que não apenas busquem seu próprio bem-estar, mas que também reconheçam e valorizem a importância do bem-estar coletivo.

Referências Bibliográficas

ANDREW, Fellows. **O narcisismo como cosmovisão dominante**. Viçosa: Ultimato, 2009.

BLOOM. Alan David. **Giants and Dwarfs: Essays**. New York: Touchstone Books, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2003.



_____. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro, Editor: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Tempos líquidos.** Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro, Editor: Jorge Zahar, 2007.

CALLIGARIS, C. **Crônicas do individualismo cotidiano.** São Paulo: Ed. Ática, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal estar na civilização.** Trad. Paulo César de Souza, editora Penguin-Companhia, 2011.

Guyau, Jean_Marie. **Esboço de uma moral sem obrigação nem sansão.** Trad. José M. Cordeiro. Ed. Amazon, 1919.

LASCH, Christopher. **O Mínimo Eu,** 5ª ed., São Paulo: Brasiliense MAY, 1990.

_____. **A cultura do narcisismo: Uma era de expectativas decrescentes,** Editora fósforo, 1979.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo.** Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas.** Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 1987.

_____. **Metamorfozes da cultura liberal: ética, mídia e empresa.** Trad. Juremir Machado Da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **A Sociedade Pós-Moralista: O crepúsculo do dever e a ético indolor dos novos tempos democráticos.** Trad. Armando Braio Ara. São Paulo: Editora Manole, 2005.

_____. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio Sobre a Sociedade do Hiperconsumo.** Trad. Patrícia Xavier. Lisboa: Edições 70, 2007.



LIPOVETSKY, Gilles & CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. Trad. Luis Filipe Sarmiento. Lisboa, Edições 70, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Estetização do mundo**: Viver na era do capitalismo artista. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

MAY, G. **A análise do homem**. São Paulo: Martins fontes, 1987.

MORIN, Edgar & PRIGOGINE, Ilya. **A Sociedade em busca de valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

PEREIRA, O. O. **O ethos do indivíduo grego e o êxtase do sujeito contemporâneo**. Porto Alegre, n° 19. Jul/Dez, 2004.

RUSS, Jacqueline. **Pensamento ético contemporâneo**. Trad. Constança Marcondes César, São Paulo: Paulus, 2011.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVERIANO, M. F. V. & ESTRAMIANA, J. L. A. **Consumo, narcisismo e Identidades contemporâneas**: Uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: UER, 2006.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Democracia na América**. Tradução Henry Reeve. Editor Principia, 1835.



TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

_____. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.